

AINDA SOBRE A LOCALIZAÇÃO DOS *POPULI* DO *CONVENTUS BRACARAUGUSTANUS*

Jorge DE ALARCÃO

Apresentámos, há alguns anos (ALARCÃO, 1988: 30-31; ALARCÃO, 1990: 371-372), a hipótese de a cidade de *Bracara Augusta* ter sido, na época de Augusto (e talvez até aos Flávios), não propriamente uma capital de *civitas*, mas um centro administrativo que controlaria os diversos *populi* da região que mais tarde (ou já desde a época de Augusto?) constituiria o *conventus Bracaraugustanus*. Augusto, que dividiu em *civitates* a zona a sul do Douro, terá julgado os *populi* do Noroeste demasiadamente atrasados para lhes adaptar o mesmo tipo de organização político-administrativa. Assim, terá instalado, em cada *populus*, um *princeps*. Os diversos *populi*, *Bracari*, *Coelerni*, *Limici*, *Seurbi*, etc., teriam, cada um, seu príncipe. Todos eles estariam sujeitos à administração romana instalada em *Bracara Augusta*, chefiada por alguém cujo título ignoramos, pois não há fonte literária ou epigráfica que no-lo revele.

A mesma organização terá sido adoptada nas áreas de Lugo e Astorga.

A existência destes príncipes não está atestada epigraficamente em Portugal. Mas, do *conventus Lucensis*, temos *Nicer*, filho de *Clutosius*, *princeps Albionum* e *Vecco*, filho de *Vecius*, *princeps Copororum* (ALBERTOS FIRMAT, 1975: 32; cfr. ARIAS VILAS *et alii*, 1979: 60).

Na época dos Flávios, os *populi* teriam sido convertidos em *civitates* (24 no *conventus Bracaraugustanus*, segundo Plínio, 3, 28). Isto não significa necessariamente que os *populi/civitates* tivessem sido todos providos de aglomerados urbanos aos quais se possa aplicar com justeza o nome de cidades. Um desses *populi*, cujo nome, aliás, ignoramos, foi dotado de um verdadeiro centro urbano. Referimo-nos à cidade de *Tongobriga* (Freixo, Marco de Canaveses), cujas escavações, conduzidas por Lino Dias, puseram já a decoberto o forum, umas termas e uma zona habitacional. A cidade parece ter tido também um teatro (DIAS, 1997). Mas o *Forum Limicorum* ou o *Forum Narbasorum* terão sido verdadeiras cidades?

Se o governo dos *populi* esteve, entre Augusto e os Flávios, nas mãos de príncipes, com possível transmissão hereditária de poderes, eventualmente assistidos por algum

conselho que não seria uma verdadeira *ordo decurionum*, poderemos identificar os lugares de residência desses príncipes? Preferimos “lugares de residência dos príncipes” a “lugares centrais dos *populi*”. É certo que esses lugares funcionariam como capitais dos *populi*. Mas não seriam necessariamente os lugares mais populosos ou mais progressivos (para os padrões civilizacionais dos Romanos). Como já vamos ver, o castro de S. Julião (Vila Verde) parece ter sido residência do (ou de um) príncipe dos *Bracari*; todavia, a citânia de Briteiros (mas ficaria esta no território dos *Bracari*?) parece ter sido mais urbanizada, economicamente mais avançada e talvez até mais populosa.

A nossa hipótese é a de que as famosas estátuas de guerreiros galaicos representam príncipes e que os sítios onde se têm encontrado correspondem às capitais dos *populi*.

Não vamos aqui resumir o muito que se tem escrito sobre essas estátuas: repetiríamos o que Calo Lourido (1994) tão bem sintetizou. Para nós, essas estátuas representam príncipes e terão sido erguidas nos castros onde esses príncipes habitavam.

Apresentemos então uma lista das estátuas de guerreiros galaicos. Nem sempre é possível dizer, ao certo, quantas estátuas se encontraram em cada sítio; mas podemos indicar o número mínimo de guerreiros, sítio por sítio. A bibliografia reporta-se à obra de Calo Lourido, cujas páginas se indicam. Adoptamos as seguintes abreviaturas: p., paróquia; f., freguesia; c., concelho; d., distrito; pr., província.

Localidade	número	bibliog.
Cidá de Sabanle, p. Quintela, c. Crecente, pr. Pontevedra	1	419
Castromao, p. Castromao, c. Celanova, pr. Ourense	1	669
Cibdá de Arnea, p. Sf. Mariña de Aguas Santas, c. Allariz, pr. Ourense	2	96
Villar de Barrio, c. Villar de Barrio, pr. Ourense	1	643
Castro de Rubiás, p. Santiago de Cadós, c. Bande, pr. Ourense	1	409
S. Paio de Meixedo, f. S. Paio de Meixedo, c. e d. Viana do Castelo	1	467
Cendufe, f. Santiago de Cendufe, c. Arcos de Valdevez, d. Viana do Castelo	2	221
Britelo, f. S. Martinho de Britelo, c. Ponte da Barca, d. Viana do Castelo	1	189
Monte da Saia, f. Monte de Fralães, c. Barcelos, d. Braga	1	662
S. Julião, f. S. Vicente da Ponte de Caldelas, c. Vila Verde, d. Braga	1	451
Santo Ovídio, f. e c. Fafé, d. Braga	1	595
S. Jorge de Vizela, f. S. Jorge de Vizela, c. Guimarães, d. Braga	1	445
Sanfins, f. Sanfins de Ferreira, c. Paços de Ferreira, d. Porto	2	484
Monte Mõzinho, f. Sf. Estêvão de Oldrões, c. Penafiel, d. Porto	2	343
Santa Comba, f. S. Miguel de Refojos de Basto, c. Cabeceiras de Basto, d. Vila Real	2	510
Monte do Crasto, f. Capeludos, c. Vila Pouca de Aguiar, d. Vila Real	1	193
Outeiro Lezenho, f. Campos, c. Boticas, d. Vila Real	4	293

Desta lista excluímos as cabeças achadas na Citânia de Roriz e em Anllo (CALO LOURIDO, 1994: 399 e 81), por termos muitas dúvidas sobre a sua pertença a estátuas de guerreiros. Na esteira de Brochado de Almeida (ALMEIDA, 1996: 254), atribuímos ao Monte da Saia a desaparecida estátua geralmente conhecida como guerreiro de Midões.

Procuremos, agora, equacionar os guerreiros com os *populi* do *conventus Bracaraugustanus*. O leitor seguirá melhor a nossa equação se confrontar o texto com a carta, versão corrigida e ampliada da que apresentámos no colóquio da Geira (ALARCÃO, no prelo).

Os *Heleni*, possivelmente situados em torno da ria de Vigo, poderiam estender-se até à serra de Suído, por cuja cumeada correria o limite do *conventus Bracaraugustanus*.

Os *Grovii*, com seu *castellum Tyde* (Tui), situar-se-iam igualmente entre o mar e a serra de Suído; ultrapassariam o Minho, entrando pelo actual território português?

A estátua de Cidá de Sabanle (Crecente) suscita algumas dúvidas: é muito mais pequena que as demais. Assim, o escudo tem apenas 10 cm. de diâmetro, enquanto o escudo do guerreiro de S. Paio de Meixedo tem 40 cm. e o de Sanfins, 21 cm. Admitamos, porém, que se trata de uma peça a integrar no grupo dos guerreiros galaicos. A que *populus* corresponderá? Ao dos *Narbasi*? Ou ao dos *Amphilochi*?

A sul do Minho ficavam os *Seurbi* (do lado do mar) e os *Leuni* (para o interior) (TRANOY, 1981 e SILVA, 1986: 280). Os primeiros têm o seu guerreiro de S. Paio de Meixedo; os *Leuni*, os de Cendufe.

A oriente dos *Leuni* há espaço geográfico para situar um outro povo cujo príncipe residiria em Britelo, donde procede um guerreiro. Talvez a estação de *Aquae Oreginae* (Riocalde) ficasse ainda no território deste *populus/civitas*. Seria o dos *Narbasi*?

O guerreiro de S. Julião (Vila Verde) assinalaria a residência do príncipe dos *Bracari*, que poderiam talvez estender-se do Lima ao Ave.

A oriente dos *Bracari*, e entre estes e os *Equaesii*, parece, à primeira vista, haver espaço geográfico para outro *populus/civitas*. Sentimo-nos por um momento tentados a localizar aqui os *Naebisoci*. Armando Coelho (SILVA, 1986: 283) instala este povo junto ao rio Neiva (antigo *Nabia*). Consideramos impossível esta localização porque, citados na inscrição da ponte de Chaves (CIL II, 2477), os *Naebisoci* haviam de encontrar-se na zona de influência de *Aquae Flaviae*. Ora a curta distância de Ruivães, concretamente em Boticas (Vieira do Minho), encontrou-se um miliário que conta as milhas a partir de *Aquae Flaviae*. Esta área estava, pois, na zona de influência de Chaves e, se aqui se situava um povo, este deve estar citado na inscrição da ponte flaviana. Seria o dos *Naebisoci*? A verdade é que esta zona, apertada entre

as serras do Gerês e da Cabreira, apresenta tão raros vestígios romanos, para além dos miliários da via que ligava *Bracara Augusta* a *Aquae Flaviae*, que nos sentimos tentados a estender os *Bracari* até ao sopé daquelas serras e a considerar que a área montanhosa não foi solar de povo nem território de *civitas*. O mapa dos castros elaborado por Armando Coelho (SILVA, 1986) mostra também esta região quase destituída de povoamento proto-histórico. Não podemos todavia esquecer que Lamedo era sede de freguesia suévica (COSTA, 1997: 157-158).

A ocidente dos *Bracari*, entre os rios Lima e Cávado, há espaço geográfico para outro *populus/civitas*, cujo nome e capital ignoramos.

No Monte da Saia, donde possivelmente procede um guerreiro (ALMEIDA, 1996: 254), localizaremos uma outra residência de príncipe: seria o dos *Nemetati*, situados entre Cávado e Ave? Ultrapassariam estes o rio Ave e compreenderiam o castro de Alvarelhos? Terá sido aqui a capital dos *Nemetati*, a *Volobriga* de Ptolemeu?

Outra residência de príncipe ficaria em Santo Ovídio. Este *populus* foi depois convertido em *civitas* com capital em *Occulis* (Caldas de Vizela). Sobre a singularidade de um segundo guerreiro em S. Jorge de Vizela, no território deste mesmo povo, pronunciar-nos-emos mais abaixo.

Cale (Porto) foi capital da *civitas* dos *Callaeci*, que Tranoy justamente situou logo a norte do Douro. Talvez o rio Ave tenha sido o seu limite setentrional. A oriente, o território dos *Callaeci* viria até ao rio Sousa, em cujas margens, concretamente no sítio da Sobreira, se encontrou uma ara à deusa *Calaicia* (TRANOY, 1981: 271).

Os guerreiros de Sanfins assinalarão outra residência de príncipe. O nome de *Fiduenae*, que se encontra em inscrição votiva rupestre nas imediações da citânia (SILVA, 1986: 288), parece-nos corresponder aos habitantes do castro e não ao *populus* cujo príncipe teria tido aqui residência. Sentimo-nos tentados a integrar estes *castellani* no povo dos *Callaeci*, que depois terá tido *Cale* como sua capital.

No Freixo (Marco de Canaveses), Lino Dias está a descobrir uma cidade capital cujo nome, reconstituível a partir de uma ara ao *Genio Tongobricensium* (DIAS, 1997: 25), era *Tongobriga*. Os limites da *civitas* vinham possivelmente até ao rio Sousa, incluíam, a norte, Amarante e estendiam-se, a nascente, até à serra do Marão. Monte Mõzinho, com dois guerreiros, teria sido a residência do príncipe deste *populus* cujo nome não vem citado nas fontes clássicas.

As Terras de Basto, em torno de Celorico de Basto e Cabeceiras de Basto, constitui uma zona geográfica tão individualizada e tão fértil que é necessário supor aí um *populus*, posteriormente convertido em *civitas*. O guerreiro de Santa Comba (Cabeceiras de Basto) e o que, pelo menos desde 1612, se encontrava na ponte de S.

Miguel de Refojos de Basto (talvez procedente também de Santa Comba), assinalarão a residência do príncipe deste *populus*. A inscrição da *caetra* do primeiro (*Artifices Calubrigenses e(x)s Albinis*) revelará, talvez, o nome do *populus*, *Albini*, que nenhuma fonte clássica menciona (SILVA, 1986: 285).

À área de Vila Pouca de Aguiar poderá ter correspondido outro *populus*, ao qual pertencerá a estátua de Capeludos. Na época romana, este *populus* não terá sido convertido em *civitas*, mas sim em vasto couto mineiro, com ocupação militar, razão pela qual não incluímos esta área no cômputo pliniano das 24 *civitates* do *conventus Bracaraugustanus*.

Os *Turodi* foram convertidos em *civitas* centrada em *Aquae Flaviae*. O antigo nome desapareceu substituído pelo de *Aquiflavienses* (TRANOY, 1981: 62).

A ocidente dos *Aquiflavienses* situamos os *Equaesii*, na esteira de Armando Coelho (SILVA, 1986: 84).

A norte dos *Aquiflavienses* ficavam os *Tamagani* e, a ocidente destes, os *Bibali*. Não temos estátuas de guerreiros nos territórios destes *populi*. Têmo-las, porém, em Rubiás, que cai no território dos *Quarquerni*, em Castromao, capital dos *Coelerni* e em Vilar de Barrio, que nos parece dever atribuir-se aos *Limici*.

Os guerreiros de Cibdá de Arnea devem marcar a residência de outro príncipe; mas de que *populus*? Possivelmente, dos *Interamici*. A localização, aqui, dos *Interamici* não está isenta de dúvidas. Baseia-se na inscrição de Asadur, à qual Tranoy (1981: 70) se referiu com reservas sobre a sua autenticidade, reservas que ainda mantém (comunicação pessoal), não obstante a defesa da sua fidedignidade feita por Le Roux (1989).

Na área dos rios Rabaçal e Tuela devemos situar outro povo; e, pela proximidade a que se encontra de *Aquae Flaviae*, este *populus* terá de estar citado na inscrição da ponte de Chaves. Poderá ser o dos *Aulobrigenses*, forma preferível a *Aviobrigenses* (ALARCÃO, no prelo). A sul dos *Aulobrigenses*, entre os rios Tinhela e Tua ou ultrapassando este último para oriente, situar-se-ia outro *populus*, que pode ser o dos *Naebisoci*. Ou podemos inverter a ordem, situando os *Naebisoci* a norte e os *Aulobrigenses* a sul.

Finalmente, na região de Vila Real situamos outro povo, que os Romanos terão igualmente convertido em *civitas*. Na comunicação já citada que apresentámos ao colóquio da Geira (ALARCÃO, no prelo), admitimos a existência de outro *populus/civitas* ainda no planalto de Alijó. A razão que nos leva agora a suprimi-lo reside em que não vemos entre os rios Tua e Pinhão espaço geográfico para outro *populus*. A zona a oriente do Tua, por outro lado, constitui uma unidade geográfica com o Vale da Vilariça, onde se situavam os *Banienses*.

A fronteira do *conventus Bracaraugustanus*, descendo pela cumeada das serras da Nogueira e de Bornes, partiria desta direita ao rio Tua, que, no seu curso inferior, marcaria o limite do *conventus*.

Apresentamos agora uma objecção que se poderá levantar à nossa hipótese de fazer corresponder os diferentes guerreiros a diferentes *populi*: temos um *populus* com dois guerreiros em dois sítios distintos. É o caso do guerreiro de S. Jorge de Vizela, atribuível, com o de Santo Ovídio, ao *populus* que depois deu origem à *civitas* com capital em *Occulis* (Caldas de Vizela).

Para esta duplicidade, podemos admitir três explicações. Consiste a primeira em supor uma mudança na residência do príncipe: morto um príncipe sem descendência, pode ter sido a chefia entregue a um seu familiar (irmão ou sobrinho) residente noutro *castellum*. Em alternativa, podemos admitir uma perda de confiança no príncipe por parte do governo bracarense e a nomeação de outro príncipe, noutro lugar. A terceira explicação consiste em admitir uma emulação: um chefe de *castellum*, vassalo ou dependente de um príncipe, ter-se-à feito representar no seu *castellum* à semelhança do suzerano ou superior herárquico.

REFERÊNCIAS

ALBERTOS FIRMAT, M^a. Lourdes, (1975): *Organizaciones suprafamiliares en la Hispania antigua*, Santiago de Compostela/Valladolid.

ALARCÃO, Jorge de, (1988): *Roman Portugal, I. Introduction*, Warminster.

ALARCÃO, Jorge de, (1990): *Portugal, das origens à romanização (Nova História de Portugal, I)*, Lisboa.

ALARCÃO, Jorge de, (no prelo): “As *civitates* do Norte de Portugal”, a publicar em *Cadernos de Arqueologia*, Braga.

ARIAS VILAS, F., LE ROUX, P., TRANOY, A., (1979): *Inscriptions romaines de la province de Lugo*, Paris.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de, (1996): *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho, III. Inventário arqueológico do concelho de Barcelos*, Porto (tese de doutoramento, policopiada, apresentada à Faculdade de Letras do Porto).

CALO LOURIDO, Francisco, (1994): *A plástica da cultura castrexa galego-portuguesa*, La Coruña.

JORGE DE ALARCÃO

COSTA, Avelino de Jesus da, (1997): *O bispo D. Pedro e a organização da arquidiocese de Braga*, 1º. Vol. 2ª Edição, Braga.

DIAS, Lino Tavares, (1997): *Tongobriga*, Lisboa.

LE ROUX, Patrick, (1989): “Aux frontières de l'épigraphie juridique: l'inscription d'Asadur, Orense (AE 1973, 317 = 1974, 394), in Carmen Castillo (ed.), *Epigrafia juridica romana* (Actas del Coloquio Internacional A.I.E.G.L., Pamplona, 9-11 de abril de 1987), Pamplona: 339-354.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da, (1986): *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira.

TRANOY, Alain, (1981): *La Galice romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*, Paris.

